

Machaerium hirtum (Vell.) Stellfeld

(barreiro, bico de pato, jacarandá bico de pato, jacarandá de espinho, sete casacas)

Família: Fabaceae

Sinônimos: *Machaerium acaciefolium*, *Machaerium affine*, *Machaerium angustifolium*

Endêmica: não²

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia (Floresta de Terra Firme, Floresta Ombrófila), Caatinga, Cerrado (Cerradão, Floresta Ciliar), Mata Atlântica (Floresta Ciliar, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila), Pantanal²

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

O bico de pato é uma planta pioneira, que pode atingir 12 m de altura em sua fase adulta. Seu tronco é curto e cilíndrico, sua casca é fissurada e descamante. Seus frutos são alados e suas flores são roxas e delicadas. Ocorre em diferentes condições de umidade do solo. Rebrotar facilmente após o corte ou queimada, comportando-se como "infestante de áreas perturbadas". É uma espécie muito utilizada na arborização de pequenas calçadas, além de sua madeira apresentar usos na construção civil e para confecção de caixotaria e brinquedos leves.

Etnobotânica e Histórico

A madeira do bico de pato é de baixa durabilidade, utilizada para lenha, carvão e construções rústicas locais. As flores são muito visitadas por abelhas. No passado, sua casca foi utilizada para fabricação de sabão. Na região rural de Nazaré Paulista o bico de pato foi utilizado apenas para a produção de carvão e lenha.

Usos específicos: produtos madeireiros (caixotaria, construção civil, carvão, lenha), produtos não madeireiros (medicinal, ornamental)^{3,1}

Características gerais

Porte: altura 6.0-12.0m DAP 30-40cm^{3,1}

Cor da floração: roxa^{3,1}

Pétalas rosadas ou roxas.

Velocidade de desenvolvimento: Rápida^{6,3}

No viveiro e no campo seu desenvolvimento é rápido (LORENZI, 2008).

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua³

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: -

Superfície do tronco: Lisa¹

Tipo de fruto: Seco indeiscente (Sâmara)^{3,1}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: sim^{1,3,6}

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas, Áreas bem drenadas³

Indiferente quanto às condições de solo.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial^{8,3}

Polinizadores: Abelhas.⁷

Período de floração: janeiro a maio⁴

Tipo de dispersão: Anemocórica⁷

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: junho a agosto^{5,4}

Junho e julho (MARTINS, 2009); agosto (SPINA et al., 2001).

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore³

Coleta diretamente da árvore, quando iniciarem a queda espontânea. Os frutos podem ser diretamente semeados, como se fossem sementes.

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: -

Produção de mudas: Recipientes individuais³

Colocar os frutos para germinar, logo que colhidos, diretamente em recipientes individuais e mantidos em ambiente semi-sombreado (sensível ao transplante).

Tempo de germinação: 25 a 35 dias^{3,1}

Taxa de germinação: -

Número de sementes por peso: 1900/kg³

Exigência em luminosidade: Exigente em luz³

Bibliografia

¹ SILVA JÚNIOR, M. C. da; PEREIRA, B. A. da S. 100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria: guia de campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009. 288 p.

² FILARDI, F. L. R. Machaerium. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2013.

³ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 5 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. v. 1.

⁴ MARTINS, M. V. Leguminosas arbustivas e arbóreas de fragmentos florestais remanescentes no noroeste paulista, Brasil. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Instituto de Biociências, Campus de Botucatu, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Botucatu. 2009.

⁵ SPINA, A. P.; FERREIRA, W. M.; LEITÃO FILHO, H. F. Floração, frutificação e síndrome de dispersão de uma comunidade de floresta de brejo na região de Campinas (SP). Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 15, n. 3, p. 349-368, 2001.

⁶ PIVETTA, K. F. L.; SILVA FILHO, D. F. da. Arborização urbana. Jaboticabal: UNESP/FCAV/FUNEP, 2002. 69 p. (Boletim Acadêmico, Série Arborização Urbana). Disponível em: . Acesso em: 2 fev. 2013.

⁷ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

⁸ PINHEIRO, M. H. O.; MONTEIRO, R. Análise estrutural e considerações sobre a dinâmica sucessional de dois fragmentos florestais semidecíduais do Jardim Botânico Municipal de Bauru, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 23, n. 4, p. 968-975, 2009.